



## Automedicação de Psicofármacos Entre Estudantes Universitários de Odontologia e Medicina

Aida Felisbela Leite Lessa Araujo<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-7847-1879>

Mara Cristina Ribeiro<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-6963-8158>

Aleska Dias Vanderlei<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0003-4590-5025>

<sup>1,2,3</sup> Centro Universitário Cesmac

### RESUMO

A vida acadêmica dos estudantes universitários exige dedicação e horas de estudos, de forma que muitos jovens para suportar o estresse e cansaço utilizam psicofármacos visando minimizar essas sensações. O objetivo desta pesquisa foi avaliar o uso de psicofármacos entre estudantes de medicina e odontologia. Trata-se de estudo descritivo, observacional, analítico e transversal, com 1.111 estudantes de duas instituições de ensino superior, regularmente matriculados nos cursos de medicina e odontologia, com idade igual ou superior a 18 anos. Foi aplicado um questionário estruturado com questões objetivas. As análises estatísticas foram realizadas no programa SPSS 22, e o nível de significância estabelecido como  $p < 0,05$ . O uso de psicofármacos ao longo da vida foi informado por 36,7%, enquanto 14,7% fez uso no último mês. A frequência de uso de psicofármacos é maior em situações de estresse, perda familiar ou submissão a cirurgias pelos estudantes. 37,2% afirmaram que obtiveram os medicamentos sem prescrição médica. As classes farmacológicas mais utilizadas foram ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes. Estes últimos foram mais consumidos por estudantes de medicina ( $p < 0,05$ ; OR: 2,12). Entre os fatores precipitantes para início do uso estão a demanda do curso (41,6%), outros fatores (33,7%) e problemas familiares (29,1%). 90,8% afirmaram ter consciência dos riscos quanto ao uso. O estudo verificou alta prevalência de uso não prescrito de psicofármacos entre os estudantes. Diante das necessidades encontradas, faz-se necessária a busca por estratégias de orientação e prevenção pelas universidades.

### PALAVRAS-CHAVE

Psicotrópicos. Estudantes de medicina. Estudantes de odontologia. Saúde mental.

Correspondência ao Autor

<sup>1</sup> Aida Felisbela Leite Lessa Araujo

E-mail: [aidalessa@hotmail.com](mailto:aidalessa@hotmail.com)

Centro Universitário Cesmac

Maceió, AL, Brasil

CV Lattes

<http://lattes.cnpq.br/8685833962256670>

Submetido: 05 jun. 2020

Aceito: 09 nov. 2020

Publicado: 28 fev. 2021

 [10.20396/riesup.v7i0.8659934](https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8659934)

e-location: e021037

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



## Self-medication of Psychotropic Drugs Among Dental and Medical University Students

### ABSTRACT

The academic life of university students requires dedication and many hours of study, so that many young people to withstand stress and tiredness use psychotropic drugs in order to minimize these sensations. The aim of this research was to evaluate the use of psychotropic drugs among medical and dental students. This is a descriptive, observational, analytical and cross-sectional study with 1.111 students from two higher education institutions, regularly enrolled in medical and dental courses, aged 18 years or older. A structured questionnaire with objective questions was applied. Statistical analyses were performed in the SPSS 22 program, and the significance level established as  $p < 0.05$ . Lifetime use of psychotropic drugs was reported by 36.7%, while 14.7% used it in the last month. The frequency of use of psychoactive drugs is higher in situations of stress, family loss or submission to surgeries by students. 37.2% said that obtained the drugs without a prescription. The most commonly used pharmacological classes were anxiolytics, antidepressants and psychostimulants. The latter were more consumed by medical students ( $p < 0.05$ ; OR: 2.12). The precipitating factors for the beginning of use are the course demand (41.6%), other factors (33.7%) and family problems (29.1%). 90.8% said that they are aware of the risks regarding use. The study found a high prevalence of non-prescribed use of psychotropic drugs among students. Given the requirements presented, it is necessary to search for guidance and prevention strategies by universities.

### KEYWORDS

Psychotropic drugs. Students, medical. Students, dental. Mental health.

## La Automedicación de Drogas Psicotrópicas Entre Estudiantes Universitários de Odontología y Medicina

### RESUMEN

la vida académica de los estudiantes universitarios requiere dedicación y muchas horas de estudio, de modo que muchos jóvenes para resistir el estrés y el cansancio usan drogas psiquiátricas para minimizar estas sensaciones. El objetivo de esta investigación fue evaluar el uso de drogas psicotrópicas entre estudiantes de medicina y odontología. Estudio descriptivo, observacional, analítico y transversal, con 1.111 alumnos de dos instituciones de educación superior, matriculados regularmente en cursos médicos y dentales, de 18 años o más. Se aplicó un cuestionario estructurado con preguntas objetivas. Los análisis estadísticos se realizaron en el programa SPSS 22, y el nivel de significancia se estableció como  $p < 0,05$ . El uso de drogas psicotrópicas durante toda la vida se informó en un 36,7%, mientras que el 14,7% lo usó en el último mes. La frecuencia de uso de drogas psicotrópicas es mayor en situaciones de estrés, pérdida de familia o cirugía por parte de los estudiantes. El 37,2% declaró que obtuvieron los medicamentos sin receta médica. Las clases farmacológicas más utilizadas fueron ansiolíticos, antidepresivos y psicoestimulantes. Estos últimos fueron más consumidos por los estudiantes de medicina ( $p < 0,05$ ; OR: 2,12). Entre los factores precipitantes para comenzar a usar están la demanda del curso (41,6%), otros factores (33,7%) y los problemas familiares (29,1%). El 90,8% dijo conocer los riesgos relacionados con el uso. El estudio encontró una alta prevalencia de uso no prescrito de drogas psicotrópicas entre los estudiantes. En vista de las necesidades encontradas, es necesario buscar estrategias de orientación y prevención por parte de las universidades.

### PALABRAS CLAVE

Drogas psicotrópicas. Estudiantes de medicina. Estudiantes de odontología. Salud mental

## Introdução

De acordo com o conceito proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), [MSH, 1997], o uso racional de medicamentos ocorre quando o paciente recebe o medicamento apropriado à sua necessidade clínica, na dose e posologia corretas, por um período de tempo adequado e ao menor custo para si e para a comunidade.

Considera-se uso indevido, a utilização de um medicamento diferentemente do orientado pelo médico, de modo deliberado, e o abuso como o emprego de uma droga ou medicamento para fins não médicos (STAHL, 2017), enquanto o uso recreacional é definido como a aplicabilidade de determinada droga, geralmente em situações sociais ou de relaxamento, sem que se implique consequências negativas (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

O termo psicofármaco é aplicado a compostos que modificam as funções psíquicas e os estados mentais, devido à sua capacidade de alterar a ação de neurotransmissores no cérebro. São usados principalmente para o tratamento de transtornos mentais, como: psicoses, transtornos de ansiedade e depressivos, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e transtorno bipolar (DORLAND, 1985). Também são utilizados os termos psicotrópicos e substâncias psicoativas (SADOCK; SADOCK; SUSSMAN, 2013).

Os psicofármacos são classificados em antipsicóticos ou neurolépticos, ansiolíticos, hipnóticos, antidepressivos e antimaníacos. O efeito dessas substâncias depende de diversos fatores como o tipo da droga (estimulante, depressora ou perturbadora), da via de administração, das condições psicológicas e físicas do indivíduo (BRUNTON; HIDALDANDAN; KNOLLMANN, 2017).

Essas substâncias, como todos os medicamentos, devem ser utilizadas de forma racional e com cautela, visto que o uso excessivo, prolongado e indiscriminado dos mesmos pode produzir diversos efeitos adversos, transtornos psíquicos e/ou somáticos e até morte, além de poder resultar também na dependência química ou física, sendo considerado, portanto, um problema de saúde pública (LOPES; GRIGOLETO, 2011; SILVA; IGUTI, 2013; ONU, 2016). Entre os psicofármacos, os benzodiazepínicos, os fármacos da linha Z (como zolpidem e zopiclona) e os opióides são os principais medicamentos utilizados e usados de maneira inadequada (CASATI; SEDEFOV; PFEIFFER-GERSCHEL, 2012).

A automedicação tem aumentado entre os jovens em todo o mundo, promovida tanto pela facilidade de acesso como pela falsa percepção de que os medicamentos são completamente seguros (MANCHIKANTI, 2006; KUEHN, 2007; JOHNSTON, 2009). O ingresso na Universidade configura-se como um momento de grandes mudanças, e isso requer um alto nível de trabalho e dedicação por parte dos estudantes, tornando-a um espaço altamente competitivo (FINGER; SILVA; FALAVIGNA, 2013).

A vida acadêmica dos estudantes universitários exige dedicação de horas de estudos, que se tornam momentos extenuantes. Entre os principais fatores estressores que os afetam estão: a realização de provas e trabalhos, a necessidade de conciliar trabalho e curso, bem como o estudo com lazer e família, a insegurança, a carga-horária, a dificuldade de obter materiais para estudo e de desenvolver técnicas, o relacionamento com colegas e professores, a falta de uma pessoa para dividir as dificuldades e a ausência de retorno positivo do que se executa, influenciando no desempenho desses estudantes (BORGES; CARLOTTO, 2004; RIBEIRO; MELO; RIBEIRO, 2011).

As cobranças por produtividade, excesso de atividades, evolução do curso, não demonstração de insegurança, cansaço e tristeza, além da necessidade de responder às exigências acadêmicas, da sociedade, dos colegas e de si próprio podem levar as pessoas à busca de soluções para contornar a ansiedade e angústia experimentadas. Uma das alternativas adotadas refere-se ao uso de psicofármacos, seja para conciliar o sono, alcançar um melhor rendimento em atividades cotidianas e nos estudos ou para minimizar a ansiedade e preocupação gerada. De forma que se percebe que a imposição de ritmos de vida intenso pode comprometer a qualidade de vida do estudante (FEODRIPPE; BRANDÃO; VALENTE, 2013; LUNA *et al.*, 2018).

As escolas médicas e odontológicas têm sido reconhecidas como fontes de estresse durante a formação de seus estudantes, o que pode afetar o bem-estar físico e mental nessa população (NEWBURY-BIRCH; LOWRY; KAMALI, 2002; DYRBYE; THOMAS; SHANAFELT, 2006; NOGUEIRA-MARTINS, 2006).

Estes estudantes estão inseridos em uma rotina de estudos intensa, em virtude de sua carga horária, da necessidade de domínio de conteúdos teóricos e habilidades técnicas, e crescentes responsabilidades por se tornarem cuidadores precoces durante o processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, o objetivo deste estudo foi avaliar o uso de psicofármacos entre os estudantes de medicina e odontologia.

## Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, observacional, analítico e transversal, realizado em duas universidades, uma pública e uma privada, nos campi localizados no município de Maceió, Estado de Alagoas. A amostra foi constituída por estudantes regularmente matriculados nos cursos de medicina e odontologia de ambas as instituições, com idade igual ou superior a 18 anos. O critério de exclusão foi a ausência de voluntários em uma das três tentativas da coleta dos dados em sala de aula.

De acordo com dados obtidos nas coordenações dos cursos das universidades existiam 1.874 alunos matriculados em ambos os cursos, sendo 771 na pública e 1.103 na privada. Na universidade pública, haviam 538 estudantes matriculados no curso de medicina e 233 estudantes matriculados no curso de odontologia, na privada, 647 estudantes matriculados no curso de medicina e 456 na odontologia. Foi realizado um estudo censitário.

O questionário aplicado foi desenvolvido pelos próprios pesquisadores, composto apenas por questões objetivas, após realização de estudo-piloto, e está dividido em quatro partes: informações relacionadas aos dados sociodemográficos, ao uso de psicofármacos, ao curso e aos aspectos psicossociais. Não foi encontrado na literatura nenhum instrumento de pesquisa validado quanto ao uso específico de psicofármacos.

A pesquisa foi realizada no período de novembro de 2018 a setembro de 2019, e a aplicação dos questionários ocorreu entre janeiro a junho de 2019. Após contato com as coordenações dos cursos para apresentação da pesquisa e conhecimento do cronograma de atividades dos estudantes, foi realizado contato com os professores e agendada a data e horário para aplicação do instrumento de pesquisa.

Todos os estudantes matriculados em ambos os cursos das duas instituições foram abordados durante o horário de aula, por três vezes, e convidados a participar do estudo. Os mesmos receberam do pesquisador explicações sobre a importância do tema em questão e foram informados sobre a natureza da pesquisa, em sua totalidade, pela leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual foi devidamente assinado após compreensão e autorização de sua participação. Em seguida responderam os questionários individualmente.

As informações coletadas a partir dos questionários foram transferidas a uma planilha do software Microsoft Excel (*Microsoft Corporation, USA*) e posteriormente transferidas para o software SPSS 22 for Windows (*Statistical Package for Social Sciences; IBM USA*) para análise estatística. Realizou-se uma análise exploratória dos dados, observando-se os valores absolutos e porcentagens para descrição da amostra e prevalências dos achados sociodemográficos, dos psicofármacos, do curso e dos aspectos psicossociais. Utilizou-se o teste de qui-quadrado ( $\chi^2$ ) para se investigar a significância estatística da associação entre os referidos dados. Também foi estimada a razão de chance (*odds ratio*: OR), com intervalo de confiança de 95% na análise das variáveis categóricas.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, vinculado ao Centro Universitário CESMAC, sob o parecer nº: 2.993.783.

## Resultados

Dos 1.874 estudantes matriculados em ambas universidades, participaram ativamente da pesquisa 1.111 voluntários. A perda amostral ocorreu devido à não devolução dos questionários pelos estudantes, à não autorização dos professores para a aplicação do estudo durante sua aula, aos questionários respondidos de forma incorreta ou incompleta e ao preenchimento do critério de exclusão, chegando ao  $n$  encontrado, que é representativo do universo de alunos das duas universidades.

A faixa etária dos estudantes variou entre 18 e 45 anos, com média de 22,74 anos (DP: 4,26). As informações relacionadas aos dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa estão descritas na Tabela 1.

**Tabela 1.** Dados sociodemográficos dos estudantes de medicina e odontologia, Maceió-Alagoas, 2019 (n=1.111)

<b>SEXO</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Feminino	696	62,6
Masculino	415	37,4
<b>CONTINUA CONTINUAÇÃO</b>		
<b>INSTITUIÇÃO</b>		
Privada	679	61,1
Pública	432	38,9
<b>CURSO</b>		
Odontologia	549	49,4
Medicina	562	50,6
<b>ESTADO CIVIL</b>		
Solteiro (a)	5995	89,5
Casado (a)	82	7,4
União estável	21	1,9
Divorciado (a)	9	0,8
Não deseja responder	4	0,4
<b>DEPENDENTES</b>		
Não	958	86,3
Sim	96	8,6
Dado ausente	37	3,3
Não deseja responder	20	1,8
<b>NÍVEL DE FORMAÇÃO</b>		
Médio	822	73,9
Superior	241	21,7
Especialização	30	2,7
Mestrado/ Doutorado	6	0,6
Dado ausente	2	0,2
Não deseja responder	10	0,9

<b>RELIGIÃO</b>		
Católica	606	54,6
Evangélica	167	15
Espírita	54	4,9
Outras	33	3
Não tem	217	19,5
Dado ausente	6	0,5
Não deseja responder	28	2,5
<b>MUNÍPIO DE RESIDÊNCIA</b>		
Capital	970	87,3
Interior	103	9,3
Outro estado	4	0,4
Dado ausente	3	0,3
Não deseja responder	31	2,8
<b>COM QUEM RESIDE</b>		
Com pais ou companheiro (a)	672	60,5
Sozinho (a)	196	17,6
Com amigos	111	10
Outros	121	10,9
Dado ausente	4	0,4
Não deseja responder	7	0,6
<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>		
Heterossexual	975	87,7
Homossexual	61	5,5
Bissexual	41	3,7
Outros	2	0,2
<b>CONTINUA CONTINUAÇÃO</b>		
Dado ausente	10	0,9
Não deseja responder	22	2

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Do total de 1.111 estudantes, 178 (16%) já receberam algum diagnóstico psiquiátrico, enquanto 859 (77,3%) nunca receberam esse diagnóstico, 43 (3,9%) deixaram essa questão em branco e 31 (2,8%) não desejaram responder esse item. Desse total, 110 (9,9%) fazem acompanhamento psicológico atualmente, 311 (28%) já fizeram, mas não fazem mais, 638 (57,4%) nunca fizeram esse tipo de acompanhamento, 14 (1,3%) não quiseram responder e 38 (3,4%) deixaram essa questão em branco.

As informações relacionadas ao uso de psicofármacos entre os participantes da pesquisa ao longo da vida e no último mês estão descritas na Tabela 2.

**Tabela 2.** Prevalência do uso de psicofármacos pelos estudantes de medicina e odontologia ao longo da vida e no último mês, Maceió-Alagoas, 2019 (n=1.111)

Psicofármacos	Ao longo da vida		Último mês	
	n	%	n	%
Sim	408	36,7	163	14,7
Não	678	61	260	23,4
Dado ausente	1	0,1	-	-
Não deseja responder	24	2,2	10	0,9
Não se aplica	-	-	678	61
Total	1.111	100	1.111	100

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A Tabela 3 apresenta a frequência de uso e a fonte de obtenção dos psicofármacos pelos estudantes. Entre as outras situações citadas quanto a frequência de uso dessas substâncias inclui-se falecimento de familiar, períodos de estresse e tensão, término de relacionamento, realização de procedimentos cirúrgicos ou odontológicos pelos estudantes.

**Tabela 3.** Frequência do uso e fonte de obtenção dos psicofármacos pelos estudantes de Medicina e Odontologia, Maceió-Alagoas, 2019 (n=433)

Frequência do uso de psicofármacos	n	%
Diariamente	91	21
Semanalmente	20	4,6
Mensalmente	15	3,5
Apenas em semanas de provas	57	13,2
Em outras situações	166	38,3
Não desejo responder	64	14,8
Dado ausente	20	4,6
Fonte de obtenção do psicofármacos		
Prescrição médica	239	55,2
Sem Prescrição Médica	161	37,2
Amigos e familiares	93	21,5
Sem prescrição médica	56	12,9
Outras	12	2,8
Não desejo responder	30	6,9
Dado ausente	3	0,7

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As classes farmacológicas que os estudantes afirmaram fazer uso foram ansiolíticos (n=185; 42,7%), antidepressivos (n=140; 32,3%), psicoestimulantes (n=87; 20,1%), fitoterápicos (n=73; 16,8%), estabilizadores de humor (n=17; 3,9%), outros (n=16; 3,7%) e antipsicóticos (n=12; 2,8%). Esses valores não são mutuamente exclusivos visto que os estudantes podiam responder que faziam uso de mais de uma classe medicamentosa simultaneamente.

Há significância estatística entre o uso de psicofármacos ao longo da vida e o estado civil (divorciados:  $\chi^2$ : 15,37;  $p < 0,001$ ), possuir dependentes ( $\chi^2$ : 12,89;  $p < 0,001$ ) e orientação sexual (bissexual:  $\chi^2$ : 18,82;  $p < 0,001$ ). De acordo com o município de residência, os alunos que residem na capital apresentam maior consumo de psicofármacos comparados aos que residem no interior ( $\chi^2$ : 8,5;  $p = 0,04$ ), foram excluídos os moradores de outro estado dessa análise por serem apenas três participantes e, no caso desses três, todos eles afirmaram fazer uso dessas substâncias.

Os estudantes do sexo masculino apresentaram duas vezes mais chances de afirmarem usar psicoestimulantes do que as do sexo feminino (OR= 2,29; IC: 95% 1,41-3,72;  $p < 0,001$ ), de acordo com a Tabela 4.

**Tabela 4.** Desempenho do uso de psicofármacos dos estudantes do sexo masculino dos cursos de Medicina e Odontologia, Maceió-Alagoas, 2019.

Psicofármacos	$\chi^2$	Valor de p	OR	Intervalo de Confiança	
				Inferior	Superior
Psicoestimulantes	11,51	0,00	2,29	1,41	3,72
Ansiolíticos	1,16	0,28	0,80	0,53	1,20
Antidepressivos	3,53	0,06	0,66	0,42	1,02
Antipsicóticos	0,84	0,36	1,70	0,54	5,39
Estabilizador de humor	1,45	0,23	0,50	0,16	1,57
Fitoterápicos	0,01	0,94	0,98	0,58	1,66
Outros	2,54	0,11	2,23	0,81	6,13

$\chi^2$ : Teste de qui-quadrado. OR: *Odds Ratio*. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os estudantes de medicina apresentaram duas vezes mais chances de afirmarem fazer uso de psicoestimulantes do que os de odontologia (OR= 2,12; IC: 95% 1,28-3,52;  $p < 0,001$ ), conforme a Tabela 5. Enquanto os estudantes de odontologia apresentaram duas vezes mais chances de afirmarem fazer uso de ansiolíticos do que os medicina (OR= 2,44; IC 95% 1,62-3,68;  $p < 0,001$ ).

**Tabela 5.** Desempenho do uso de psicofármacos dos estudantes no curso de medicina, Maceió-Alagoas, 2019

Psicofármacos	$\chi^2$	Valor de p	OR	Intervalo de Confiança	
				Inferior	Superior
Psicoestimulantes	8,65	0,00	2,12	1,28	3,52
Ansiolíticos	18,48	0,00	0,41	0,27	0,62
Antidepressivos	1,18	0,28	1,26	0,83	1,92
Antipsicóticos	0,91	0,34	0,57	1,18	1,83
Estabilizador de humor	0,47	0,49	0,71	0,27	1,89
Fitoterápicos	0,95	0,33	1,29	0,77	2,17
Outros	2,10	0,15	0,47	0,17	1,33

$\chi^2$ : Teste de qui-quadrado. OR: *Odds Ratio*. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A demanda do curso foi identificada em 41,6% (n=180) dos participantes como fator precipitante para início do uso de psicofármacos, enquanto a existência de problemas familiares foi registrada em 29,1% (n=126) e de dificuldade de relacionamento em 16,2% (n=70), outros fatores, como curiosidade, estresse, falecimento de familiar, sintomas ansiosos e depressivos, uso recreativo e/ou desempenho acadêmico, foram referidos por 33,7% (n=146).

A maioria dos participantes da pesquisa (90,8%) afirmou ter consciência dos riscos quanto ao uso dos psicofármacos. Entre os participantes da pesquisa, 92,5% afirmaram sentir-se satisfeitos com a escolha profissional, apesar de a maior parte dos entrevistados (60,8%) afirmar que a carga horária de atividades contribui muito como fonte de tensão no curso, sejam elas atividades curriculares ou extra-curriculares.

Aproximadamente metade dos estudantes (49,9%) afirmaram apresentar desconforto físico (náuseas, diarreia, suor excessivo, falta de apetite, tremores, etc.) relacionado às atividades acadêmicas, como provas ou apresentação de seminários e trabalhos, enquanto 29,8% referiram apresentar dificuldade para conciliar o sono. Além disso, 56,4% dos estudantes afirmaram possuir dificuldades para conciliar a vida acadêmica com atividades físicas, de lazer ou outras atividades, ao passo que 41,1% negaram ter essa dificuldade.

## Discussão

Os discentes dos cursos médicos e odontológicos constituem um grupo diferenciado dentro das universidades, sendo considerada uma das populações com maior nível socioeconômico e cultural das universidades públicas e privadas, sendo em sua maioria provenientes de parcelas da classe média alta e da intelectualidade (CARDOSO FILHO *et al.*,

2015; FONAPRACE, 2019). Ao longo dos anos, houve um processo de aumento marcante do sexo feminino em ambos os cursos, prevalência de jovens de até 24 anos, brancos, com nível econômico privilegiado quando considerada a renda familiar mensal brasileira (FERREIRA *et al.*, 2000; FIOROTTI; ROSSONI; MIRANDA, 2010; GRANJA *et al.*, 2016; MENDES *et al.*, 2018).

O ensino superior exige um certo nível de desenvolvimento das funções cognitivas, e, nos cursos da área da saúde, esse nível é particularmente elevado (WILENS *et al.*, 2008). As configurações da universidade são frequentemente competitivas e o desempenho acadêmico influencia as oportunidades de carreira. De forma que o uso de medicamentos no ensino superior atende a propósitos diferentes, incluindo automedicação, uso recreacional e desempenho acadêmico (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Existe um número limitado de pesquisas sobre os padrões de uso de psicofármacos por estudantes de medicina e odontologia e se sabe que as medidas de prevenção só são eficazes quando baseadas na realidade do consumo, o que mostra a importância da realização de pesquisas com essa temática (GRAÇA, 2013; PAPAISIS *et al.*, 2018). A prevalência de uso de psicofármacos ao longo da vida foi de 36,7% no presente estudo, entretanto, esse número pode estar subestimado, visto que alguns estudantes que fazem uso podem ter deixado esse item em branco ou não desejaram respondê-lo.

Nesta pesquisa, identificou-se uma clara predominância de estudantes do sexo feminino, o que já se verificava em outros estudos realizados (CABRITA *et al.*, 2001; CORREIA *et al.*, 2010; SOARES, 2017; LUNA *et al.*, 2018; TAM *et al.*, 2018), entretanto, não foi identificada diferença estatística significativa quanto ao uso de psicofármacos entre os sexos, diferentemente do observado em outras pesquisas (SEEMAN, 1997; AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

A média de idade dos participantes (22,74 anos; DP:  $\pm 4,26$ ) está em linha com a faixa etária da maioria das pesquisas publicadas sobre o consumo de psicofármacos entre universitários (SOARES, 2017; LUNA *et al.*, 2018; TAM *et al.*, 2018). O consumo de psicofármacos nos participantes em questão não se revelou significativamente associado às variáveis instituição de origem, curso frequentado, religião, com quem reside e renda familiar ( $p > 0,05$ ).

Na pesquisa, foi observado que 55,2% dos participantes alegaram obter os psicofármacos em uso através de prescrição médica, dado este que está de acordo com outras pesquisas já realizadas (CABRITA *et al.*, 2001; MARTÍNEZ *et al.*, 2008; BALAYSSAC *et al.*, 2018), seguido daqueles obtidos com amigos e familiares (21,5%) e dos sem prescrição médica (12,9%). Os dados mostram que a obtenção dos fármacos através de outras fontes, que não a prescrição médica, apesar de não terem sido a fonte principal, gera preocupação por demonstrar

um alto índice de automedicação entre os participantes da pesquisa, o que acarreta em medicalização excessiva, indevida, e, por vezes, desnecessária pelos estudantes, e pode gerar efeitos indesejáveis, reações adversas e risco de dependência entre aqueles que fazem uso (CASTRO *et al.*, 2016).

Foi identificado que a classe dos ansiolíticos foi a mais utilizada (42,7%), seguida pelos antidepressivos (32,3%) e psicoestimulantes (20,1%), o que corrobora dados de pesquisas anteriores (PETROIANU *et al.*, 2000; SOARES, 2017). Entretanto, em uma pesquisa com estudantes de ciências da saúde foi identificado que os antidepressivos foram os fármacos mais utilizados, seguido pelos ansiolíticos e psicoestimulantes (MARTÍNEZ *et al.*, 2008), confirmando que essas três classes são as mais utilizadas entre estudantes universitários.

A literatura nacional e internacional mostra que os ansiolíticos estão entre as substâncias psicotrópicas mais consumidas de forma indiscriminada mundialmente, o que é um problema de saúde pública (ONU, 2018; MADRUGA *et al.*, 2019). Sabe-se que o uso dessas substâncias pode levar ao comprometimento da memória, insônia rebote, desenvolvimento de tolerância e dependência, e, assim, causar consequências desastrosas na qualidade de vida dos estudantes universitários (CARDOSO *et al.*, 2009; ALVARO; SILVA; OLIVEIRA, 2014). A pesquisa mostrou que os estudantes de odontologia apresentam mais chances de afirmarem fazer uso de ansiolíticos do que os de medicina (*OR*: 2,44;  $p < 0,001$ ).

Os antidepressivos, como segunda classe mais frequente, justifica-se, pois, sintomas depressivos e ansiosos são prevalentes na população universitária, sendo relatado em diversas pesquisas (POLYCHRONOPOULOU; DIVARIS, 2005). Ao longo desses cursos, a fase inicial de entusiasmo do aluno é substituída por uma de frustração, com queixas frequentes relacionadas ao excessivo volume de estudos, a pouca utilidade de alguns conteúdos, a má didática dos professores e a carga excessiva das atividades acadêmicas, de forma que essas questões podem interferir no desempenho estudantil, por emergir em alguns estudantes sentimentos de medo, raiva, tensão, incompetência, culpa, que podem estar relacionados a manifestação do adoecimento mental que necessita de tratamento com essas medicações (FERREIRA *et al.*, 2000; DYRBYE; THOMAS; SHANAFELT, 2005).

Vários estudos mostraram que a prevalência do uso não-médico de estimulantes é consideravelmente alta entre os estudantes universitários, com taxas de uso variando entre 5% a 35% (ADVOKAT; GUIDRY; MARTINO, 2008; WILENS *et al.*, 2008). Foi identificado que o sexo masculino apresenta maior consumo de psicoestimulantes que o feminino (*OR*: 2,29;  $p < 0,001$ ), o que foi confirmado em outras investigações (PASSOS *et al.*, 2006; OLIVEIRA *et al.*, 2009), além de mostrar que os estudantes dos cursos de medicina apresentam maior chance de afirmarem usar essa classe de medicamentos do que os estudantes de odontologia (*OR*: 2,12;  $p < 0,001$ ).

O ambiente do ensino superior se tornou propício para o desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade, depressão e abuso de substâncias psicoativas (MORAES *et al.*, 2013) e essa maior predisposição a esses quadros parece estar relacionada a diferentes fatores estressores ao longo dos cursos e podem causar intenso sofrimento psíquico, prejuízos no desempenho acadêmico e nos relacionamentos pessoais, profissionais e sociais (VALLILO *et al.*, 2011; ABBASI-GHAHRAMANLOO *et al.*, 2015).

Dentre os fatores precipitantes relatados para o uso de psicofármacos, 41,6% dos estudantes apontaram a demanda do curso como o principal fator (LUNA *et al.*, 2018). Isso pode ser justificado pela exigência dos cursos, carga horária extensa, dificuldade em administrar o tempo entre as diferentes disciplinas e o lazer, e, da própria fragilidade da geração (CHAZAN; CAMPOS, 2010; MOREIRA; VASCONCELOS; HEATH, 2015; PAPAISIS *et al.*, 2018). Entretanto, os dados na literatura sobre as motivações e fatores precipitantes para o início e manutenção do uso são limitados entre as populações estudantis, especialmente no que diz respeito ao perfil de estudantes objetos dessa pesquisa. Percebe-se, então, a importância de se entender e conhecer as motivações para o uso, de maneira que se compreenda completamente os riscos associados a tal consumo, visto que as pessoas envolvidas podem enfrentar consequências diferentes, a depender do caráter de uso, seja para autotratamento ou uso recreativo.

A grande maioria dos participantes (90,8%) afirmou ter consciência dos riscos quanto ao uso de psicofármacos, entretanto, este é um dado preocupante, uma vez que, apesar de afirmarem ter consciência sobre esses riscos, eles se submetem ao uso sem a orientação de um profissional qualificado. Este dado também foi encontrado em outras pesquisas realizadas com estudantes do ensino superior (CABRITA *et al.*, 2001; LUNA *et al.*, 2018).

Aproximadamente 30% dos estudantes avaliados afirmaram apresentar dificuldades para conciliar o sono, e, isso pode ocorrer devido a alterações no ciclo circadiano pelo estresse do ambiente acadêmico associado e/ou agravado por hábitos como acessar a internet ou assistir televisão no período noturno e pelo uso de álcool, tabaco ou outras substâncias psicoativas, hábitos frequentemente encontrados nessa população e que atrapalham o bom padrão do sono (MESQUITA; REIMÃO, 2010; ARAÚJO *et al.*, 2014).

Esse prejuízo na qualidade do sono interfere diretamente na eficácia do desempenho acadêmico e no emocional. A melhora da qualidade do sono relaciona-se com a realização de atividades físicas e de outras tarefas, como as de lazer, entretanto, 56,4% dos estudantes avaliados referem apresentar dificuldades para conciliar a vida acadêmica com esses afazeres, o que pode ser uma das razões para apresentarem uma pior qualidade de sono (LEMMMA *et al.*, 2014; ROPKE *et al.*, 2017).

O presente estudo encontrou que 49,9% dos estudantes afirmaram apresentar sintomas ansiosos relacionados às atividades acadêmicas, como provas ou apresentação de seminários e trabalhos. A presença desses sintomas frente a tais afazeres pode estar relacionada a uma forte motivação de causar boa impressão, bem como a dúvidas acerca da própria capacidade, e isso pode afetar a atuação do estudante, através da evitação de realizar perguntas em público, do baixo desempenho acadêmico, dúvidas quanto à escolha profissional ou, até mesmo, a desistência do curso universitário (ZIMBARDO, 1982). Na tentativa de minimizar a ansiedade originada pelo desenvolvimento dessas tarefas, os estudantes podem aumentar o consumo de psicofármacos e outras substâncias psicoativas (KERR-CORREA *et al.*, 1999; KEYES; HATZENBUEHLER; HASIN, 2011).

### Considerações Finais

O presente estudo verificou alta prevalência de uso não prescrito de psicofármacos entre os estudantes de medicina e odontologia, principalmente de ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes, além de mostrar associação discreta entre o uso de psicofármacos ao longo da vida e o período do curso, estado civil, se possui dependentes, município de residência e orientação sexual, assim como associação entre o sexo masculino e o uso de psicoestimulantes.

Através desse estudo e diante das necessidades encontradas faz-se necessária a busca por estratégias de orientação e prevenção pelas universidades, seja através da conscientização desses estudantes por meio de rodas de conversa, palestras, cartilhas, realização da semana de acolhimento, e, principalmente, através da criação de um serviço de saúde mental dirigido ao estudante, para que os mesmos sintam-se acolhidos e possam ser acompanhados por profissionais especializados na área.

Apesar das dificuldades com relação ao número limitado de pesquisas disponíveis na literatura sobre a temática em questão, este estudo possui grande importância por ser um dos poucos a abordar este tema na literatura nacional e por estimular mais pesquisas sobre esse assunto.

### Referências

ABBASI-GHAHRAMANLOO, Abbas *et al.* Prescription drugs, alcohol, and illicit substance use and their correlations among medical sciences students in Iran. **International Journal of High Risk Behaviors and Addiction**, Zahedan, v. 4, n. 1, p.1-6, 2015.

ADVOKAT, Claire; GUIDRY, Devan; MARTINO, Leslie. Licit and illicit use of medications for Attention-Deficit Hyperactivity Disorder in undergraduate college students. **Journal of American College Health**, Washington, v. 56, n. 6, p. 601-606, 2008.

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-38, 2010.

ARAÚJO, Márcio Flávio Moura de *et al.* Health indicators associated with poor sleep quality among university students. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 1085-92, 2014.

BALAYSSAC, David *et al.* Use of Psychotropic Medications and Illegal Drugs, and Related Consequences Among French Pharmacy Students – SCEP Study: A Nationwide Cross-Sectional Study. **Frontiers in Pharmacology**, Lausanne, v. 9, p.1-12, 2018.

BORGES, Angela Maria Brazil; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout e Fatores de Estresse em Estudantes de um Curso Técnico de Enfermagem. **Aletheia**, Canoas, v. 19, p.45-56, jan./jun. 2004.

BRUNTON, Laurence; HIDAL-DANDAN, Randa; KNOLLMANN, Björn. **Goodman & Gilman: The Pharmacological Basis of Therapeutics**. 13. ed. New York: McGraw-Hill, 2017.

CABRITA, José *et al.* Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v. 19, n. 2, p. 39-47, 2001.

CARDOSO, Hígor Chagas *et al.* Avaliação da qualidade do sono em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 349-55, 2009.

CARDOSO FILHO *et al.* Perfil do Estudante de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ), 2013. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 32-40, 2013.

CASATI, Alicia; SEDEFOV, Roumen; PFEIFFER-GERSCHEL, Tim. Misuse of medicines in the European union: A systematic review of the literature. **European Addiction Research**, Switzerland v. 18, n. 5, p. 228–245, 2012.

CASTRO, Cristiana *et al.* A Automedicação nos alunos da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança. **Millenium Journal of Education, Technologies, and Health**, Viseu, v. 1, p.123-30, 2016.

CHAZAN, Ana Claudia Santos; CAMPOS, Mônica Rodrigues. Qualidade de Vida de Estudantes de Medicina medida pelo WHOQOL-bref — UERJ, 2010. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 376-384, 2013.

CORREIA, Teresa *et al.* Consumo de psicofármacos pelos alunos do ensino superior. *In*: LOPES, V. et al. **Caderno Promoção da saúde e actividade física: contributos para o desenvolvimento humano**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Centro de Investigação em Desporto Saúde e Desenvolvimento Humano, 2010. Vol. 1, p. 607-619.

- DORLAND, William. **Diccionario enciclopédico ilustrado de medicina**. 8ª ed. Madrid: Interamericana, 1985.
- DYRBYE, Liselotte; THOMAS, Matthew; SHANAFELT, Tait. Medical student distress: causes, consequences, and proposed solutions. **Mayo Clinic Proceedings**, Rochester, v. 80, n. 12, p.1613-1622, 2005.
- DYRBYE, Liselotte; THOMAS, Matthew; SHANAFELT, Tait. Systematic Review of Depression, Anxiety, and Other Indicators of Psychological Distress Among U.S. and Canadian Medical Students. **Academic Medicine**, Philadelphia, v.81, n.4, p.354-373, 2006.
- FEODRIPPE, André Luiz Oliveira; BRANDÃO, Maria Carolina da Fonseca; VALENTE, Tânia Cristina de Oliveira. Medical students' quality of life: a review. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p.418-28, 2013.
- FERREIRA, Roberto Assis *et al.* O estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: perfil e tendências. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 224-231, 2000.
- FINGER, Guilherme; SILVA, Emerson Rodrigues da; FALAVIGNA, Asdrubal. Use of methylphenidate among medical students: a systematic review. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 285-289, 2013.
- FIOROTTI, Karoline Pedroti; ROSSONI, Renzo Roldi; MIRANDA, Angélica Espinosa. Perfil do estudante de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 355-362, 2010.
- GRAÇA, Carina Susana Gouveia da. **Consumo de estimulantes cerebrais nos estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior**. 2013. 50 f. Dissertação (Mestrado em Medicina)- Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013.
- GRANJA, Gélica Lima *et al.* Perfil dos estudantes de graduação em Odontologia: motivações e expectativas da profissão. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 16, n.4, p. 107-113, Out./Dez. 2016.
- JOHNSTON, Lloyd. Prescription drug use by adolescents: what we are learning and what we still need to know. **Journal of Adolescent Health**, New York, v. 45, p. 539-40, 2009.
- KERR-CORRÊA, Florence *et al.* Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 95–100, 1999.
- KEYES, Katherine M.; HATZENBUEHLER, Mark L.; HASIN, Deborah S. Stressful life experiences, alcohol consumption, and alcohol use disorders: the epidemiologic evidence for four main types of stressors. **Psychopharmacology**, Berlin, v. 218, n. 1, p.1–17, 2011.
- KUEHN, Bridget M. Prescription drug abuse rises globally. **JAMA**, Chicago, v. 297, n.12, p. 1306, 2007.

LEMMA, Seblewengel *et al.* Good quality sleep is associated with better academic performance among university students in Ethiopia. **Sleep & Breathing**, Titisee-Neustadt, v.18, n. 2, p. 257-63, 2014.

LOPES, Letícia Martins Borelli; GRIGOLETO, Andréia Regina Lopes. Uso consciente de psicotrópicos: responsabilidade dos profissionais da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2011.

LUNA, Ilanna Sobral de *et al.* Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo. **Colloquium Vitae**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p. 22-28, jan./abr. 2018.

MADRUGA, Clarice S. *et al.* Prevalence of and pathways to benzodiazepine use in Brazil: the role of depression, sleep, and sedentary lifestyle. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 41, p. 44-50, 2019.

MANCHIKANTI, Laxmaiah. Prescription drug abuse: what is being done to address this new drug epidemic? Testimony before the Subcommittee on Criminal Justice, Drug Policy and Human Resources. **Pain Physician**, Paducah, v. 9, p. 287-321, 2006.

MARTÍNEZ, Glória I. *et al.* Características del consumo de fármacos psicotrópicos em estudantes de ciencias de la salud. **Revista de La Facultad de Química Farmacéutica**, Medellín, v. 15, n. 2, p. 244-250, 2008.

MENDES, Maria do Socorro Silva Ferreira *et al.* Perfil dos estudantes que ingressam no curso de Odontologia: motivos da escolha. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 18, n. 4, p. 120-129, 2018.

MESQUITA, Gema; REIMÃO, Rubens. Quality of sleep among university students: effects of nighttime computer and television use. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 68, n. 5, p. 720-5, 2010.

MORAES, Diego Pereira Alves de *et al.* Prevalência do uso de drogas psicotrópicas por estudantes de medicina da Universidade Federal do Tocantins. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa São Paulo**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 127-33, 2013.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz; VASCONCELOS, Rafael Luiz dos Santos Silva; HEATH, Nancy. Estresse na Formação médica: como Lidar com Essa realidade? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 558-564, 2015.

MSH (MANAGEMENT SCIENCES FOR HEALTH). **Manging Drug Supply**. 2. ed. Connecticut: Kumarian Press, 1997.

NEWBURY-BIRCH, Dorothy; LOWRY, R.J.; KAMALI, F. Drink, drugs and depression in dental students. **British Dental Journal**, London, v.192, n.11, p.646-649, 2002.

NOGUEIRA-MARTINS, Luiz Antônio. **Sufrimento psíquico e estresse ocupacional em estudantes e profissionais da área de saúde.** In: DINIZ, D.P.; SCHOR, N. (Org.). Guia de qualidade de vida. Barueri: Manole, 2006.

OBSERVATÓRIO DO FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS ESTUDANTIS. FONAPRACE. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018.** Brasília: 2019. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf> Acesso em: 16 nov. 2020.

OLIVEIRA, Lucio Garcia *et al.* Drug consumption among medical students in São Paulo, Brazil: influences of gender and academic year. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 227-39, 2009.

OLIVEIRA, Ana Emília Figueiredo de *et al.* **Conceitos básicos sobre o uso abusivo e dependência de drogas.** Universidade Federal do Maranhão. Universidade Aberta do SUS-UNASUS. São Luís, 2013. 12f.

OLIVEIRA, Maristela Maximovitz *et al.* Automedicação em acadêmicos: Uma revisão da literatura brasileira entre 2000 e 2017. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 623-630, 2018.

ONU. United Nations. UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME [UNODC] (2016). **World Drug Report 2016.** 2016.

ONU. United Nations. **Psychotropic Substances International Narcotics Control Board in 2017.** Nova Iork. 2018. Disponível em: [https://www.incb.org/documents/Psychotropics/technical-publications/2017/Technical\\_Publication\\_2017\\_English\\_04042018.pdf](https://www.incb.org/documents/Psychotropics/technical-publications/2017/Technical_Publication_2017_English_04042018.pdf) Acesso em: 16 nov. 2020.

PAPAZISIS, Georgios *et al.* Nonmedical Use of Prescription Medications Among Medical Students in Greece: Prevalence of and Motivation for Use. **SUBSTANCE USE & MISUSE**, New York, v. 53, n. 1, p. 1–9, 2017.

PASSOS, Sonia Regina Lambert *et al.* Prevalence of psychoactive drug use among medical students in Rio de Janeiro. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, Berlin, v. 41, n. 12, p. 989-96, 2006.

PETROIANU, Andy *et al.* Avaliação do uso de drogas por estudantes de Medicina. **Revista médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.10, n. 1, p. 8-12, 2000.

POLYCHRONOPOULOU, Argy; DIVARIS, Kimon. Perceived Sources of Stress Among Greek Dental Students. **Journal of Dental Education**, Washington, v. 69, n. 6, p. 687-92, 2005.

RIBEIRO, Cacilda Barsanulfo; MELO Luciano Antônio; RIBEIRO, Julio César. O Estresse do Graduando de Enfermagem no Âmbito da Universidade. **Neurobiologia**, Recife, v. 74, n. 4, p. 59-74, abr./jun. 2011.

RIBEIRO, Cairon Rodrigo Faria; SILVA, Yasmin Maria Garcia Prata da; OLIVEIRA, Sandra Márcia Carvalho de. O impacto da qualidade do sono na formação médica. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v.12, n. 1, p. 8-14, 2014.

ROPKE, Lucilene Maria *et al.* Efeito da atividade física na qualidade do sono e qualidade de vida: revisão sistematizada. **Archives of Health Investigation**, Araçatuba, v. 6, n. 12, p. 561-566, 2017.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; SUSSMAN, Norman. **Manual de Farmacologia Psiquiátrica de Kaplan & Sadock**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013  
SEEMAN, Mary V. Psychopathology in women and men: focus on females hormones. **American Journal of Psychiatry**, Arlington, v. 154, n. 12, p. 1641-7, 1997.

SILVA, Tatiana Oliveira.; IGUTI, Aparecida Mari. Medicamentos psicotrópicos dispensados em unidade básica de saúde em grande município do estado de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. edição especial, p. 1726-1737, 2013.

SOARES, Juliany. **O uso de medicamentos controlados por estudantes do curso de odontologia na Universidade Federal de Santa Catarina**. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

STAHL, Stephen M. **Psicofarmacologia: bases neurocientíficas e aplicações práticas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

TAM, Cheuk Chi *et al.* Non-medical use of prescription drugs and cultural orientation among college students in China. **Drug and Alcohol Dependence**, Limerick, v. 192, p.271-276, 2018.

VALLILO, Nathália Gaspar *et al.* Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Clínica Médica**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 36-34, 2011.

WILENS, Timothy E. *et al.* Misuse and diversion of stimulants prescribed for ADHD: a systematic review of the literature. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, Baltimore, v. 47, n.1, p. 21-31, 2008.

ZIMBARDO, Philip. **A Timidez**. Lisboa: Edições70, 1982.